

RESPONDENDO
OBJEÇÕES
JUDAICAS
contra
JESUS

- Volume Um -

Objções Gerais e Históricas
MICHAEL L. BROWN

Tradução e Edição:
Pedro Rensi



Conteúdo

Prefácio à Edição Brasileira xi

Prefácio xvii

Introdução xxi

Parte 1 Objeções Gerais

- 1.1. Judeus não creem em Jesus. 37
- 1.2. Eu nasci judeu e morrerei judeu! 37
- 1.3. Uma pessoa só pode ser judia ou cristã. Eu sou judeu. 40
- 1.4. Crer em Jesus não significa deixar de ser judeu? Em minha opinião, fé em Jesus e no Judaísmo são duas coisas incompatíveis. 41
- 1.5. Judaísmo Messiânico (ou Cristianismo Judaico) não passa de uma grande mentira, criada para seduzir judeus inocentes para o Cristianismo. Metade das pessoas envolvidas nem sequer nasceu em um lar judaico. E a maioria daqueles que são judeus, eram, na verdade, ministros cristãos que mudaram de nome para parecerem mais autênticos. 44
- 1.6. Você tem a sua religião; eu tenho a minha. Jesus é para os gentios. E se ele os ajuda, ótimo. Na realidade, o Judaísmo ensina que os justos de todas as nações terão parte no mundo vindouro. Todavia, quanto a nós, o povo judeu, nós temos a Torá. Essa é nossa porção. 51
- 1.7. O principal problema do Cristianismo é que ele não se enquadra no Judaísmo. Logo, todas aquelas “provas” que são citadas a partir das Escrituras Hebraicas não tem peso nenhum para nós. São apenas a sua interpretação, não a nossa. 53
- 1.8. Se Jesus é o Messias, por que não existem mais judeus que creem nele? 56
- 1.9. Nunca trairei meus antepassados! Jamais abandonarei a fé de meus pais! 60
- 1.10. O que acontece com judeus que não creem em Jesus (principalmente se eles nunca ouviram falar sobre ele)? O que aconteceu com minha adorável avó judia que nunca ofendeu uma pessoa em toda sua vida? Ela está no Inferno? 64
- 1.11. O que aconteceria a um assassino nazista que decidiu crer em Jesus antes de morrer? Ele iria para o Céu, ao passo que todos os judeus que

- ele matou — homens, mulheres e crianças —, muitos dos quais temiam a Deus, iriam para o Inferno? 71
- 1.12. Um judeu religioso, que se decida a estudar a Torá, jamais creia em Jesus. 80
- 1.13. Quanto àqueles judeus eruditos e religiosos do passado que de fato se converteram ao Cristianismo, eles só o fizeram para obter ganhos monetários ou devido à pressão social. Não tinha nada a ver com argumentos intelectuais ou convicções teológicas verdadeiras. 83
- 1.14. Os judeus religiosos que de fato se tornaram discípulos de Jesus sempre tiveram a tendência de se desviar. Se você estudar a vida deles, verá que, em sua maioria, eles abandonaram suas tradições, valores e crenças muito antes de considerarem algo tão herético como o Cristianismo. 88
- 1.15. Missionários como vocês visam sempre os doentes, os idosos, os ignorantes, os jovens e os desinformados. 91
- 1.16. Não sou uma pessoa muito religiosa, porém, certamente não sou uma má pessoa. Diria que sou uma pessoa normal, boa, honesta. 93
- 1.17. Se Jesus é realmente o Messias, por que existem tantas objeções? 95
- 1.18. O Cristianismo simplesmente não funciona; não produz o que ele promete. Bem lá no fundo, você sabe que estou dizendo a verdade. 98
- 1.19. Vocês missionários sempre usam os mesmos argumentos e “provas”. A fé de vocês não pode ser tão profunda. 104

Parte 2 Objeções Históricas

- 2.1. Se Jesus é realmente o Messias, por que, então, não há paz na Terra? 107
- 2.2. Por que o sofrimento humano, a fome e as guerras só *augmentaram* com a vinda de Jesus? 128
- 2.3. Durante o primeiro século, não havia nenhum tipo de expectativa entre o povo judeu a respeito de um Messias que realizasse milagres. Sendo assim, todos os supostos milagres de Jesus não tiveram nenhuma relevância para os líderes judeus do primeiro século e também não têm para mim, hoje. 138
- 2.4. Jesus não pode ser o Messias porque, em seu nome, foi derramado mais sangue judeu do que em qualquer outro nome ou causa. 142
- 2.5. O Cristianismo é uma religião de ódio, não de amor. Os frutos maus que ele produz só comprovam que se trata de uma árvore má, como o próprio Jesus diria (veja Mt. 7:15-20; Lc. 6:43-45). 150

- 2.6. O próprio Jesus ensinou que ele não veio para trazer paz, mas uma espada. Nós, os judeus, temos sentido o fio dessa espada há mais de mil e quinhentos anos! 158
- 2.7. Os cristãos sempre odiaram e sempre perseguiram o povo judeu. 167
- 2.8. As origens do antissemitismo podem ser encontradas nas páginas do Novo Testamento. Do retrato depreciativo dos fariseus às acusações de deicídio, o antissemitismo é definitivamente uma praga cristã. 189
- 2.9. Se não houvesse uma longa e horrenda história de antissemitismo cristão, o Holocausto nunca teria acontecido. 223
- 2.10. Por que Deus permitiu que seis milhões de judeus morressem no Holocausto? Antes de eu sequer considerar Jesus, eu preciso de uma resposta para esta pergunta. 225
- 2.11. Os cristãos dedicam-se tanto a converter os judeus porque querem legitimar a fé que professam. O fato de que o próprio povo de Jesus escolheu rejeitá-lo constitui um grave problema para o Cristianismo. 246
- 2.12. Embora nós, judeus, tenhamos sido forçados a participar de debates públicos com cristãos, no passado, podemos atestar que saímos vencedores de cada um deles. Basta conferir os registros cristãos para confirmar os fatos. 249
- 2.13. Após duas gerações, os seguidores judeus de Jesus (sob a influência de Paulo) já haviam abandonado quase todas as suas práticas judaicas, estabelecendo um precedente que permanece até os dias de hoje: judeus que se tornam cristãos perdem toda e qualquer ligação com o Judaísmo em apenas duas gerações. 252
- 2.14. Basta olhar para a Igreja! Quem está certo? Os Protestantes, os Católicos, os Ortodoxos Gregos, os Mórmons, os judeus Messiânicos? Até mesmo os que se dizem cristãos não encontram unidade. 255
- 2.15. O Cristianismo é apenas mais uma das grandes religiões mundiais, tal como o Islamismo, o Hinduísmo e o Budismo. Certamente não é a verdadeira fé Messiânica nem tampouco o único caminho para Deus. Para ser sincero, esta história de Jesus se declarar o único caminho para o Pai é o cúmulo da arrogância. Não dá para ser mais mesquinho do que isso. 258
- 2.16. Nós já lidamos com o Cristianismo há mil e novecentos anos. Havia grandes líderes judeus na época de Jesus, e, também, nas décadas subsequentes. Eles o observaram, observaram seus seguidores, e rejeitaram o Cristianismo por razões óbvias. Não há mais nada a ser discutido. 262

Notas 263

Glossário 317

Índice de Ref. Bíblicas e de Outros Textos Antigos 321

Prefácio à Edição Brasileira

Rambam,ⁱ mais conhecido como Maimônides, é considerado um dos Sábios de Israel mais aclamados de todos os tempos. Depois da Mishná e do Talmud, fundamentos da lei judaica, sua extensa obra, tanto filosófica como haláchica,ⁱⁱ constitui o foco central dos estudos abrangidos pelas *yeshivot*ⁱⁱⁱ de quase todo o mundo. Foi ele quem compilou os Treze Princípios do Judaísmo — declarações de fé recitadas por todo judeu tradicional durante suas orações matutinas —, o Livro dos Mandamentos — explanação detalhada sobre os 613 mandamentos da Torá — e o Guia dos Perplexos — tratado filosófico destinado a conciliar o Judaísmo com a lógica aristotélica. Não há dúvidas, porém, de que sua obra-prima, o Mishnê Torá, foi a verdadeira responsável pela consagração de Maimônides como um dos maiores eruditos do povo judeu.

Até meados do século XVI, antes da publicação do Shulchán Arúch,^{iv} os judeus que tivessem alguma dúvida sobre como proceder em determinada situação — coisas do dia a dia como, por exemplo, carregar objetos no Shabat —, caso não fosse possível consultar um rabino de imediato, poderiam recorrer ao Mishnê Torá para obter o devido esclarecimento. Sua linguagem relativamente simples e direta, diferentemente do aramaico Talmúdico que, naquela altura, era dominado por pouquíssimos estudiosos, permitia que os menos instruídos também tivessem acesso à vasta sabedoria Rabínica.

Contudo, o que poucos sabem é que esse mesmo Maimônides, responsável por estabelecer os critérios decisivos^v para o reconhecimento do Messias, também dedicou alguns parágrafos de seu influente Mishnê Torá para fazer algumas considerações — bastante curiosas, diga-se de passagem — acerca do personagem central deste livro, a saber, Yeshua (Jesus). Visto que os oceanos literários explorados pelos rabinos da antiguidade praticamente não foram cartografados em língua portuguesa, encontro-me na obrigação de apresentar, aqui, minha própria tradução do original hebraico, redigido pelo Rambam entre 1170 e 1789 E.C.:

ⁱ Acrônimo para **Rabi Moshê ben Maimôn** (1135-1204).

ⁱⁱ *i.e.* pertinente à lei judaica (Halachá).

ⁱⁱⁱ Instituições judaicas que promovem o estudo da Torá e do Talmud.

^{iv} Codificação da lei judaica por Rabi Yosef Karo, em 1563, com ênfase, sobretudo, na prática e na aplicação dos mandamentos da Torá Escrita e das tradições Rabínicas (Torá Oral).

^v Segundo a perspectiva judaica tradicional.

Yeshu^{vi} (Jesus), o Nazareno — *que seu nome e sua memória sejam apagados!* —, o qual imaginava ser o Messias, foi morto pelo *Bêl Din*.^{vii} Mas isso já havia sido profetizado por Daniel, conforme está escrito: “*Filhos renegados de teu povo tentarão se exaltar, para estabelecer uma nova visão, mas fracassarão*”.^{viii} Acaso existe pedra de tropeço maior do que esta [*i.e.* o Cristianismo]? Pois todos os profetas atestaram que o Messias seria o redentor de Israel, e seu salvador, aquele que novamente congregaria os dispersos [dentre o povo judeu], fortalecendo-os na observância dos mandamentos [da Torá]. Todavia, quanto a esse homem, ele foi o responsável por Israel ter perecido pela espada, por seu remanescente ter sido espalhado e degradado; foi o responsável por alterar a Torá e por enganar grande parte do mundo, conduzindo-o à adoração de um deus que não é o Eterno [...] Todas essas coisas [que sucederam por causa] de Yeshu, o Nazareno, e do Ismaelita^{ix} que se levantou após ele, aconteceram tão somente com o propósito de endireitar o caminho para o [verdadeiro] rei Messias, e para que o mundo inteiro seja consertado, a fim de que, juntos, todos sirvam o Eterno, conforme está escrito:^x “*Farei então com que os povos voltem a conhecer uma língua pura, com a qual todos possam invocar (do mesmo modo) o Nome do Eterno, para servi-lo com seus sentimentos unidos*”.^{xi}

“Espere um momento!”, poderiam contestar alguns. “Você não disse que Maimônides havia escrito considerações *curiosas* a respeito de Jesus? O texto acima me parece muito mais uma *crítica* a tudo o que diz respeito à sua vida, ministério e legado. Pensei que este livro tivesse o propósito de *dar um fim* às críticas infundadas contra Jesus”. Você está certo, querido leitor. O objetivo da presente obra é justamente esse. Não obstante, a despeito das severas palavras de que o Rambam se valeu, tais considerações não deixam, nem por um instante, de ser *curiosas*, e, a bem da verdade, *cruciais* para atingirmos a finalidade desta publicação. Seria impossível oferecer respostas dignas e bíblicamente consistentes às “*Objecções Judaicas Contra Jesus*” sem, antes, compreendermos, adequadamente, suas origens

^{vi} יֵשׁוּעַ é um acrônimo para “que seu nome e sua memória sejam apagados!” (ימח שמו וזכרו). A grande maioria dos judeus Ortodoxos e ultra-Ortodoxos, em Israel, não pronunciam o nome hebraico original de Jesus: Yeshua (ישוע).

^{vii} Tribunal judaico que ficou conhecido como Sanhedrin (Sinédrio).

^{viii} Daniel 11:14, conforme a tradução da *Bíblia Hebraica*, publicada pela Editora e Livraria Sêfer.

^{ix} *i.e.* Maomé.

^x Sofonias 3:9, conforme a tradução da *Bíblia Hebraica*.

^{xi} Mishnê Torá: Hilchót Melachím U’Milchamoteihêm, Capítulo 11.

shêl alpáyim shaná,^{xii} as quais refletem a dor e o sofrimento de milhões de judeus, em todo o mundo.

Uma vez que os escritos de Maimônides tornaram-se tão influentes e alcançaram, com o passar dos anos, pleno reconhecimento e aceitação por parte da comunidade judaica em geral, é de se esperar que suas opiniões e interpretações sejam tidas, quase sempre, como normativas. Em outras palavras, sua autoridade como Sábio de Israel não pode ser questionada. Mesmo porque, o Talmud é categórico: “*Todo aquele que transgredir as palavras dos Sábios deve morrer*”.^{xiii} Sendo assim, a citação do Mishnê Torá, que lemos há pouco, fornece-nos um perfeito exemplo acerca de como a grande maioria dos judeus, em todo o mundo, enxerga a pessoa de Yeshua (Jesus) e os frutos de seu ministério.

Para nós, judeus Messiânicos, e para todo cristão que se propõe a ler o Novo Testamento com sinceridade e atenção, fica mais do que evidente que Yeshua (1) nasceu na terra de Israel, (2) foi circuncidado como todo menino judeu, (3) teve seu bar mitsvá, (4) viveu uma vida inteiramente judaica, (5) guardou o Shabat, (6) frequentou a sinagoga, (7) amou e obedeceu aos mandamentos do Eterno, (8) ensinou que o cumprimento do *Shemá*^{xiv} era a maior de todas as *mitsvót*^{xv} da Torá, (9) apregou as boas novas da salvação quase que exclusivamente aos judeus,^{xvi} (10) foi aclamado por seus *talmidím*^{xvii} como *Rabí*,^{xviii} (11) foi reconhecido por muitos — inclusive por alguns dentre os fariseus e sacerdotes^{xix} — como o Messias judeu, (12) cumpriu as profecias a seu respeito, registradas na Torá, nos Profetas e nos Salmos, (13) morreu na terra de Israel como o verdadeiro Cordeiro de Pêssach, (14) ressuscitou dentre os mortos na terra de Israel, e, finalmente, (15) voltará à terra de Israel, como “leão da tribo de Yehudá [Judá]”,^{xx} a fim de completar sua obra Messiânica.

Por outro lado, a visão tradicional judaica descreve um Jesus completamente diferente: “Yeshu foi um herege, fundador do Cristianismo, uma religião completamente

^{xii} *i.e.* de dois mil anos.

^{xiii} Berachot 4b (Talmud Babilônico) — *tradução minha*. Tenha em mente que a autoridade do Talmud, para judeus tradicionais, é equivalente a das Escrituras, e, em alguns casos, até superior.

^{xiv} Declaração da fé judaica (Dt. 6:4-9; 11:13-21; Nm. 15:37-41), recitada duas vezes ao dia, uma de manhã e outra à noite, por todo judeu religioso. Yeshua, porém, referia-se ao âmago do *Shemá*, a saber, Dt. 6:4-5.

^{xv} *i.e.* mandamentos.

^{xvi} Confira Mattityahu [Mateus] 15:22-28, atentando-se, principalmente, para o versículo 24.

^{xvii} *i.e.* discípulos.

^{xviii} *i.e.* meu mestre; meu rabino.

^{xix} Confira Marcos 15:43; Lucas 13:31; 14:1; Yochanan [João] 3:1-21; 19:38-40; Atos 6:7.

^{xx} Confira Revelação [Apocalipse] 5:5.

sanguinária; era deturpador da Torá, perseguidor de judeus, assassino, feiticeiro, responsável pela perdição de Israel, apregoador de todo o mal e de deuses estranhos, falso profeta, promovedor das Cruzadas, da Inquisição e do Holocausto — *que seu nome e sua memória sejam apagados!*”

Se você fizer uma visita ao museu do Holocausto (*Yad VaShêm*), em Jerusalém, notará que, entre os incontáveis objetos, vídeos e fotografias que não nos permitem esquecer, jamais, os horrores do Terceiro Reich, destaca-se um retrato imenso, bastante peculiar: no centro, um soldado nazista, imponente e bem vestido; ao seu redor, judeus nus e caídos, mortos ou à beira de um colapso; ao lado do soldado, igualmente bem vestido e cheio de pompa, uma figura que, para o mundo em geral, não é frequentemente associada aos crimes de antissemitismo: um *padre católico*.

Pergunto-lhe, portanto: Se levarmos em consideração as atrocidades cometidas pela Cristandade,^{xxi} ao longo dos séculos — e *em nome de Jesus* (e.g. Cruzadas, Inquisições etc.) —, somadas às implacáveis declarações antissemitas do pai do Protestantismo, Martinho Lutero, tendo em vista, também, a repercussão dos escritos de Moisés Maimônides, o confiável erudito judeu, e, para completar, a trágica história do assassinato de seis milhões de judeus na Segunda Guerra — um crime hediondo cometido por homens que alegavam estar fazendo um serviço para Jesus —, é de surpreender, porventura, que grande parte do povo judeu nutra um sentimento de desprezo e abominação por tudo o que diz respeito a Jesus e à Cristandade? De forma alguma! Para ser honesto, tais sentimentos são perfeitamente compreensíveis, e diria, até mesmo, justificáveis — *caso as alegações de Maimônides fossem, de fato, verdadeiras*. Em outras palavras, se “Yeshu” fosse, realmente, uma representação fidedigna do judeu histórico chamado Yeshua; se os termos “cristão” e “Cristianismo” fizessem jus, efetivamente, aos verdadeiros discípulos do Messias e à verdadeira fé Messiânica, e, por fim, se os ensinamentos do Novo Testamento condissessem, verdadeiramente, com as falácias e deturpações hermenêuticas disseminadas (mesmo que não intencionalmente) por grupos ultra-Ortodoxos e antimissionários. Felizmente, a verdade não poderia ser mais diferente. E é isso que descobriremos ao longo da brilhante exposição do Dr. Brown.

Antes de prosseguirmos com uma breve apresentação da Editora Davar — haja vista ser este o primeiro livro que publicamos —, gostaria de compartilhar com

^{xxi} Como veremos, no decorrer deste livro, Cristandade é o termo que o Dr. Brown usa para referir-se aos *falsos* cristãos de outrora; aqueles que diziam servir o “Cristo” e realizar a sua vontade, mas que, por suas ações e palavras, negavam tudo o que ele ensinou.

você mais uma citação de nossos Sábios, encontradas em Pirkê Avót,^{xxii} a qual se mostrará de todo relevante para o tema em questão. Irving Bunim, um respeitado erudito judeu do século XX, apresenta a seguinte interpretação para a quinta Mishná do segundo capítulo de Avót:

*“Não julgues o teu próximo até chegar ao seu lugar de origem”. A distância cria diversas ilusões de óptica. Assim como um objeto redondo pode parecer oblongo quando visto de longe, **as identidades das pessoas parecem diferentes do que realmente são, se não estivermos perto delas.** Não julgue seu semelhante até chegar mais perto do cenário. **Os julgamentos históricos, especialmente quando estamos afastados há séculos do assunto, sofrem deste tipo de distorção.**”^{xxiii}*

Abençoada seja a memória de Bunim! Embora fosse um judeu que zelava pela Ortodoxia e, por conseguinte, opunha-se, com todas as forças, à ideia de que Yeshua fosse o Messias judeu prometido nas Escrituras Hebraicas, ele trouxe à tona, em seu comentário, um maravilhoso princípio da sabedoria e da equidade: não se deve julgar nada sem, antes, ter os fatos totalmente expostos diante de si, *desprovidos de viés e de parcialidade — devidamente ajustados ao contexto original da situação em questão.* Lamentavelmente, foi o oposto que acabou acontecendo com Yeshua. E não existe uma resposta fácil para solucionar o desentendimento que, por dois mil anos, conseguiu separar a grande maioria do povo judeu de seu tão esperado Messias, Yeshua, o qual, por sua vez, também espera, ansiosamente, pelo retorno de seus irmãos judeus à plenitude que o Eterno lhes tem reservado, por meio de sua obra Messiânica de redenção e salvação.^{xxiv}

Por se tratar de um assunto tão delicado, o renomado Dr. Brown dedicou cerca de duas mil páginas, organizadas em uma série de cinco livros, para abordar, com a devida sinceridade, erudição e maestria, as tão merecidas — e, atrevo-me a dizer, *definitivas* — respostas às “Objecções Judaicas Contra Jesus”. Será, portanto, compromisso de nossa editora traduzir e publicar, em sua totalidade (juntamente com os diversos

^{xxii} Um dos 63 tratados da Mishná, famoso por seus ensinamentos de profunda sabedoria e moralidade.

^{xxiii} BUNIM, Irving M. *A Ética do Sinai: ensinamentos dos Sábios do Talmud*. 5. ed. São Paulo: Sêfer, 2012. 87 p. (*ênfase minha*)

^{xxiv} A expectativa que Maimônides tinha acerca do Messias, expressada na citação do Mishnê Torá (a saber, que ele seria o redentor e o salvador dos judeus, aquele que os congregaria, dos quatro cantos da terra, para um relacionamento com o Eterno completamente restaurado, além de alcançar as nações com o conhecimento do único Deus verdadeiro) foi, de fato, plenamente cumprida em Yeshua — ainda que ele não conseguisse perceber.

títulos relacionados que já prospectamos), essa obra-prima da apologética judaica, para, sobretudo, alcançar os leitores judeus de fala portuguesa com a Palavra (*Davar*) do Eterno. Com o objetivo de esclarecer eventuais dúvidas em relação ao conteúdo deste livro — devidas ao contexto brasileiro em que vivemos ou simplesmente à diferença de treze anos em que nos encontramos desde a publicação americana da obra, em 2000 —, tomei a liberdade de inserir, ao longo do texto, notas explicativas e breves comentários (**Notas do Editor**) que — assim espero — enriquecerão a sua experiência de leitura. Sendo assim, pela graça de *HaShem*, bendito seja, damos início, por meio deste, às atividades de publicação de nossa recém-criada Editora Davar.

Para concluir este prólogo de *Respondendo Objeções Judaicas Contra Jesus*, deixo-lhes com uma última citação, e seu respectivo comentário, de Pirkê Avót (Mishná 2:6), com o objetivo de honrar a fidelidade desse corajoso judeu, Dr. Michael L. Brown, por ter se erguido, em meio a tanta oposição, para proclamar, em alta voz e ao som do *shofar*, a verdade sobre o Messias de Israel, Yeshua ben David:

“E em lugar onde não houver homens, trata de ser tu o homem”. [Hilel está querendo dizer que] às vezes a situação exige um homem, alguém que faça frente ao grupo, forte, duro, que diga não! Há momentos em que você [homem judeu] deve **resistir, nadar contra a maré, ser um inconformista. Mesmo se ninguém mais [na comunidade judaica] tiver a sabedoria ou a coragem de ser aquele homem**, mesmo que todos os demais tenham se tornado parte da multidão sem rosto, o monstro de 1000 cabeças, que é a criatura fraca de caráter do conformismo, *você*, o judeu observante, é o filho de Abraão, e ele era chamado “*ivri*” [*i.e.* hebreu], porque estava em uma das margens (*ever*) de uma grande batalha religiosa pelo reconhecimento do Todo Poderoso, enquanto o mundo inteiro se voltava contra ele, na margem oposta. Você deve esforçar-se por ser aquele homem, erguendo-se sobre os seus próprios pés. Tenha isso em mente: **Se o povo judeu tivesse sempre acompanhado a maioria, não existiria povo judeu e nem Israel hoje em dia.** Sim, diz Hilel, não se separe do grupo. Mas, se os integrantes do grupo tiverem perdido o direito de ser chamado de “homens”, quando a justiça e a virtude os tiverem abandonado — lá onde não houver nenhum homem, **você deve pôr-se de pé e enfrentar a maioria**; você deve ser o homem. ^{xxv}

Pedro Rensi, Editor
Chanucá, 5774 / 2013

^{xxv} *ibid.* 87 p. (*ênfase minha*).

Prefácio

Em novembro de 1971, quando eu ainda era um judeu adolescente de 16 anos — rebelde, arrogante, baterista, roqueiro e viciado em heroína —, encontrei algo que eu não estava procurando; o curso da minha vida nunca mais seria o mesmo. Descobri que Jesus era o Messias dos judeus! Aprendi que era sobre ele que as Escrituras Hebraicas se referiam; que ele era o caminho de Deus para a salvação, tanto de judeus como de gentios; e que, através da fé nele, minha vida poderia ser transformada — muito embora eu não quisesse ser transformado. Eu amava minha vida de pecado! Contudo, a bondade de Deus prevaleceu sobre minha maldade; em questão de semanas, eu era uma pessoa totalmente nova.

Meus pais ficaram muito empolgados — e aliviados — ao contemplarem a radical mudança em minha vida. Eu havia decaído tanto, e tão rapidamente, desde meu bar-mitsvá, aos 13 anos, que meus pais estavam profundamente preocupados. No entanto, a transformação positiva foi ainda mais radical e mais dramática do que a decadência. O único problema para meus pais — principalmente para meu pai — era que, na opinião deles, eu havia me associado a uma religião diferente. Sendo assim, meu pai, entusiasmado com a mudança em minha vida — porém, bastante desejoso de que eu retornasse às nossas tradições — levou-me ao rabino local do movimento Conservador. Estávamos no início de 1972, e ainda não havia completado 17 anos. Em vez de condenar minhas crenças, aquele rabino de 26 anos simpatizou-se comigo. Disse-me que, em sua opinião, ele não era uma pessoa tão espiritual quanto eu, porém, suas crenças eram as certas e as minhas, as erradas. A seu ver, a prática do Judaísmo — isto é, o Judaísmo Ortodoxo tradicional — era a única fé verdadeira do nosso povo. Ele sentiu que a chave para o meu caso seria conhecer alguns judeus tradicionais religiosos e bastante zelosos. E foi assim que a jornada começou!

No verão de 1973, o rabino me levou ao Brooklyn para que eu passasse uma tarde inteira com rabinos ultra-Ortodoxos. Foi uma experiência reveladora! Fiquei impressionado com a devoção e com o gentil comportamento daqueles homens, e fui bastante desafiado por sua erudição. Como poderia eu, um jovem de dezoito anos que mal conseguia ler o alfabeto hebraico, dizer-lhes o que nossos textos sagrados (escritos em hebraico), realmente significavam? Eles haviam estudado as Escrituras por toda a vida; eu me tornara um crente a menos de dois anos — muito embora, nesse ínterim, já tivesse lido toda a Bíblia cinco vezes e memorizado mais de quatro mil versículos. Mas eles haviam memorizado o original! Eu dependia de traduções para o Inglês. Com que respaldo eu poderia dizer que Jesus era, na verdade, o cumprimento das profecias de nossa Bíblia Hebraica?

Eis a minha situação: estava convicto de que minha fé era válida e de que Jesus realmente era nosso Messias, porém, não conseguia encontrar quase nenhum livro (e quase ninguém) que me ajudasse. E quando, porventura, achava alguma literatura acadêmica, sólida (produzida por cristãos), que abordasse temas como profecias Messiânicas, ela acabava sendo insensível para com as objeções judaicas tradicionais com as quais eu estava me deparando. Por outro lado, os poucos livros (livretos, na verdade) que abordavam especificamente essas objeções judaicas tinham a tendência de serem populares, curtos e desprovidos de erudição. Eu estava em um dilema!

Como é que eu poderia oferecer respostas sólidas às perguntas dos rabinos e refutar suas objeções? E quanto à minha própria consciência? Será que eu realmente conseguiria estar em paz comigo mesmo se eu falhasse em dar respostas intelectualmente consistentes ao meu próprio povo, principalmente depois de os rabinos me dizerem que se eu pudesse entender os textos originais, eu jamais creria em Jesus? Foi então que eu comecei a estudar hebraico na faculdade. Por fim, graduei-me em Língua Hebraica e dei continuidade aos meus estudos na pós-graduação, até que obtive meu doutorado em línguas semíticas. Durante os anos em que estive na faculdade e na pós-graduação, eu sempre mantive diálogo com rabinos e judeus religiosos. Às vezes, em debates públicos; às vezes, pessoalmente. Eu queria entender — sinceramente — por que meu próprio povo rejeitou Yeshua (Jesus) como Messias, e queria responder-lhes com veracidade e com amor.

Pela graça e vontade de Deus, tornei-me algo como um especialista em debates e diálogos judaicos. No final da década de 1980, meus amigos judeus Messiânicos e meus colegas começaram a perguntar-me: “Quando você vai colocar tudo isso em um livro?”. Tinha um amigo em particular, Sid Roth, que amorosamente me atormentava com a seguinte pergunta toda vez que nos encontrávamos: “Então, Mike, quando é que você vai escrever o livro?” — insinuando que tudo o mais em que eu estivesse trabalhando era de menor importância. Finalmente, em 1996, senti a urgência de priorizar o projeto e de dedicar-me inteiramente a ele. Tão logo as notícias começaram a correr, admirei-me ao perceber o interesse de muitos de meus amigos cristãos: “Quero ler seu livro e dá-lo de presente a um conhecido judeu que não crê em Jesus! Quando ele vai ficar pronto?”. Enfim, posso responder: “Agora!”. Entretanto, há uma única ressalva. Já não se trata mais de um livro, mas sim de uma série de três livros. A verdade é que havia coisa demais para cobrir e, após todo esse tempo — principalmente se levarmos em consideração que não existe obra semelhante —, penso que excessivamente detalhado é melhor do que insuficientemente detalhado.

Após esse volume, dois outros serão publicados em intervalos de seis a nove meses, o que significa que, se Deus assim o permitir, até o início de 2001, os três

volumes já estarão disponíveis ao público. Se houver demonstração de interesse suficiente por parte dos leitores, os três volumes serão, por conseguinte, lançados como uma edição de referência, de único volume, com o acréscimo de estudos especiais e notas adicionais. É com grande alegria que eu lhes apresento este primeiro volume. Que você seja abençoado, edificado, fortalecido e desafiado enquanto lê, estuda, pensa e ora. Quem sabe este não seja o início de uma importante jornada espiritual e intelectual para você também?

Gostaria de encorajá-lo a ler a introdução com bastante cautela. Depois, você poderá se dirigir às objeções em qualquer ordem que escolher. Elas são completas por si mesmas e repletas de referências cruzadas. Entretanto, se você escolher ler o livro de capa a capa, verá que as objeções tendem a seguir uma ordem lógica e que algumas respostas são desenvolvidas a partir de respostas anteriores. Você também verá que as notas de rodapé tendem a ser mais extensas quando o assunto abordado for mais controverso. É claro que as notas poderiam ter sido desenvolvidas quase que sem limite — e fui bastante tentado a fornecer uma documentação extensa a praticamente toda afirmação que fazia. Mas isso era certamente desnecessário; todos os leitores interessados conseguirão encontrar material suficiente para estudos futuros. Estou certo de que até mesmo o crítico mais tenaz concordará que eu fiz minha lição de casa.

Minha oração é que a publicação destas séries, representando o fruto de mais de um quarto de século de diálogos com pessoas do meu próprio povo judeu, traga, em primeiro lugar, encorajamento aos judeus Messiânicos de todo o mundo. Caros irmãos e irmãs no Messias, este livro é para vocês!

A todo leitor judeu que ainda não crê ser Yeshua (Jesus) o Messias, digo que é motivo de grande alegria para mim saber que este livro chegou até você. Leia-o com um coração aberto e com uma mente inquisitiva! Oro para que o nosso Deus lhe revele a verdade contida nas páginas seguintes, as quais foram escritas com muito labor e lágrimas, como fruto do meu amor por você.

A todo leitor cristão, alegro-me em saber que está interessado em compartilhar as boas novas do Messias com o meu povo. Se não fosse por um pequeno grupo de cristãos americanos descendentes de italianos, que tiveram o cuidado de se importar com o rumo da minha vida nos anos 1970, eu poderia não estar vivo hoje. Serei eternamente grato a eles. Portanto, oro para que Deus os ajude, meus amigos cristãos, a anunciarem o Messias para o meu povo judeu!

Meus agradecimentos se estendem a todos os meus amigos e colegas de trabalho que me encorajaram e oraram por mim durante esses anos de pesquisa e compilação. Agradeço também a Jim Weaver, editor acadêmico da Baker Books, por todo o apoio que me deu, e à Melinda Van Engen, por seu excelente trabalho editorial, e a Baker Books como um todo.

Dedico este livro a meu amado pai, Abram Brown, que morreu muitos anos antes de contemplar o pleno impacto de sua maravilhosa influência sobre minha vida.

Uma nota sobre as citações e fontes: a Literatura Rabínica é citada de acordo com a convenção padrão (*e.g.* a letra “m.” antes de uma fonte Rabínica significa “Mishná”; “b.” refere-se ao “Talmud Babilônico”; “y” refere-se ao “Talmud de Jerusalém”; e “t” refere-se à “Toseftá”). Quando houver diferença na numeração dos versículos bíblicos, entre traduções judaicas e cristãs, a numeração judaica encontrar-se-á entre colchetes (*e.g.* Is. 9:6[5]). Tenha em mente, no entanto, que o conteúdo dos versículos é idêntico; apenas a numeração é diferente. Da mesma forma, com o fim de adotar as convenções estilísticas da editora, todas as referências à divindade encontram-se em caixa baixa. Termos como *Primeiro Templo*, *Rabínico(a)* e *Messianico(a)* foram escritos em caixa alta propositalmente, a fim de estarem em harmonia com as convenções judaicas mais conhecidas.

Introdução

As origens das objeções contra Jesus são de fato muito antigas, remontando-nos a quase dois mil anos de história. Portanto, não é de surpreender que, por muitos séculos, tanto judeus como cristãos tomaram como verdadeira — sem ao menos questionar — a afirmação: “Judeus não creem em Jesus”. Na verdade, muitos se tornaram tão acostumados a essa forma de pensar que poucos percebem quão irônica é essa declaração — para não dizer bizarra.

Você já parou para pensar que Jesus (ou Yeshua, como era chamado por seus contemporâneos) nasceu judeu, foi criado em uma comunidade judaica, viveu e trabalhou como judeu, em meio a outros judeus, cultuava a Deus no templo como um judeu fiel, frequentava a sinagoga todo Shabat, ensinava como um rabino judeu e, por fim, morreu como judeu, com as Escrituras Hebraicas em seus lábios? Ele passou quase que a vida toda interagindo, constantemente, com irmãos hebreus. Todos aqueles que o seguiam de perto eram judeus. Ele foi reconhecido por muitos judeus de sua época como o Messias prometido, e valia-se das palavras dos profetas de Israel para explicar sua missão. Passou praticamente todo o tempo de que dispunha — salvo em algumas ocasiões — pregando exclusivamente aos judeus, curando suas doenças e satisfazendo suas necessidades espirituais e emocionais. Apenas uma pequena parcela de pessoas — muito pequena mesmo — que ele influenciou diretamente era composta de não-judeus.

Quando as notícias de que ele ressuscitara dentre os mortos começaram a se espalhar, suas primeiras testemunhas oculares foram mulheres judias; homens judeus, por sua vez, anunciavam as boas novas às multidões de judeus religiosos interessados. Foram judeus que contaram a outros judeus sobre sua ressurreição, e eram judeus que curavam outros judeus em seu nome. No princípio, de todas aquelas multidões que nele depositaram sua fé, *todos eram judeus*. De fato, passaram-se muitos anos após sua ressurreição até que o primeiro gentio fizesse parte dessa comunidade de crentes.

“Judeus não creem em Jesus!” Como foi que chegamos a esse ponto? Ninguém ficaria surpreso ao saber que muitos judeus não creram — e ainda não creem — que Jesus é o Messias. Afinal, existe o ditado: “Se houver dez judeus em um lugar, haverá onze opiniões”. É verdade, nós temos os nossos pontos de vista! E ninguém espera que concordemos a respeito de tudo, principalmente se o assunto for religião. No entanto, por que será que dentre todos os povos da Terra, apenas o povo judeu é caracterizado, *de maneira específica*, como aqueles que não creem em Jesus? Se considerarmos que a maioria dos árabes é muçulmana, e grande parte dos indianos, hindu,

por que então não estamos acostumados a ouvir o chavão: “Árabes (ou indianos) não creem em Jesus!”? Fato é que, para muitos, são os *judeus* que não creem em Jesus.

Tendo isso em mente, propus-me a alcançar quatro objetivos com a publicação deste livro: compreender o porquê de termos chegado a esse ponto em que nos encontramos hoje, listar as principais objeções que o povo judeu teve (e ainda tem) quanto a Jesus ser o Messias prometido de Israel, responder com clareza tais objeções e demonstrar por que os judeus (mais do que qualquer outro povo) *deveriam* crer que Jesus é o Messias prometido. Somente assim eles poderão ser completamente fiéis ao Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, e à Bíblia Hebraica.

A boa notícia é que sempre houve judeus que creem que Jesus é o Messias, mesmo se esta for uma pequena minoria. Em cada século da história, milhares de judeus reconheceram e seguiram Jesus como o Messias prometido de Israel. Atualmente, dezenas de milhares de judeus creem em Jesus — talvez até centenas de milhares!¹ A maioria deles reside nos EUA e na antiga União Soviética, porém, o número daqueles que vivem em Israel tem crescido rapidamente. E, um dia, as Escrituras declaram que haverá uma grande transformação *nacional*. Naquele dia, de todos os povos da Terra, os judeus, em especial, serão conhecidos como aqueles que de fato *creem* em Jesus, o Messias. Esse dia está chegando!

Enquanto isso, porém, é nosso dever abordar as objeções que o povo judeu tem contra Jesus de maneira honesta, diligente e abrangente. Por incrível que pareça, embora sempre tenha havido livros e artigos judaicos atacando as credenciais Messiânicas de Jesus, nenhuma obra de grande relevância jamais foi escrita a fim de responder e refutar essas diversas objeções.² Chegou o tempo de refutarmos as contestações e de respondermos, de uma vez por todas, às objeções.

É claro que os judeus que creem em Jesus não são afetados pelo material escrito por aqueles que se denominam “antimissionários” (líderes judeus que trabalham ativamente na tentativa de resgatar judeus do Cristianismo e de diferentes cultos e religiões, trazendo-os de volta ao Judaísmo tradicional). A fé desses crentes judeus é vibrante demais; suas experiências com Deus, vívidas demais; sua confiança na unidade de toda a Bíblia — “Antigo” e “Novo” Testamentos —, sólida demais; seu relacionamento com Jesus, o Messias, precioso demais. Eles nem se preocupam com o que um rabino dedicado ou um antimissionário ativo têm a dizer. Outros, porém, acabam ficando confusos e perturbados. Já os judeus tradicionais ou seculares, que estão buscando a verdade sobre Jesus, têm — frequentemente — a necessidade de vencer os argumentos dos antimissionários e dos rabinos.

Sendo assim, esta série de livros precisava ser escrita.³ Os argumentos dos antimissionários estão aqui; as respostas dos Messiânicos estão aqui; as evidências estão aqui. O veredicto ficará claro a todos: Jesus é nosso Messias e Rei!

Fatos, Nada Além de Fatos

Considerando o presente volume, bem como os dois a serem publicados, listaremos mais de 150 objeções judaicas contra as credenciais Messiânicas de Jesus — algumas, bastante sérias; outras, bem simples; e outras, tão superficiais que chegam a ser ingênuas. As objeções encontram-se divididas em seis seções.

Objeções Gerais

Estas costumam ser as objeções mais comuns, menos sofisticadas e, na maioria das vezes, as mais sentimentais. Elas contêm amplas generalizações, fazem declarações intermináveis, e baseiam-se na percepção daquilo que os judeus “como um todo” acreditam e fazem. O cerne de tais objeções resume-se a: “Jesus não é para os judeus! Nossa religião é o Judaísmo, não o Cristianismo. Um judeu de verdade nunca creria em Jesus”. Até certo ponto, responder essas objeções será uma questão de corrigir conceitos errôneos já enraizados e de fazer com que as pessoas parem e pensem a respeito da natureza sentimental — e muitas vezes irracional — daquilo que estão dizendo.

Objeções Históricas

As objeções históricas tendem a ser mais substanciais, e lidam com o propósito da vinda do Messias (em outras palavras, a alegação de que o Messias deveria trazer paz ao mundo) ou com a “falha” da Igreja (Antissemitismo “cristão” e o presente estado da Igreja, incluindo suas divisões e escândalos). O cerne de tais objeções resume-se a: “Jesus não pode ser o Messias porque é óbvio que nós não estamos na Era Messiânica”. A fim de que respondamos a essas objeções, nós precisamos (1) definir, com clareza, qual era o propósito e a missão do Messias; (2) fornecer uma descrição bíblica da Era Messiânica; (3) explicar a diferença entre a fé vivida pelos judeus Messiânicos do Novo Testamento e aquela fé “cristã”, corrompida, que se desenvolveu séculos depois; (4) admitir sim as falhas da Igreja ao longo dos séculos; e, finalmente, (5) demonstrar exemplos de transformações profundas e gloriosas que resultaram de uma genuína fé Messiânica — fruto do verdadeiro evangelho (*i.e.* boas novas).

Objecções Teológicas

Estas são as objeções mais sérias e mais complexas de todas, e nos mostram as diferenças entre o Judaísmo tradicional e a fé judaico-Messiânica/cristã. Elas giram em torno da natureza de Deus (a Trindade, a divindade de Jesus, o Espírito Santo etc.), da permanência da Lei de Moisés (Ela ainda está plenamente em vigor ou será que foi abolida por Jesus ou, posteriormente, por Paulo?), da natureza da humanidade e sua consequente necessidade por salvação, e do pecado — principalmente no que tange aos meios para obtermos expiação. Em suma, essas objeções oferecem fundamentos para se alegar que a fé do Novo Testamento é, na verdade, uma religião totalmente nova, estrangeira, não judaica e infiel à Bíblia Hebraica. Sendo assim, questões sobre profecias Messiânicas acabam se tornando secundárias, visto que Jesus é tido como um falso profeta e o fundador de uma nova religião. Nossas respostas aqui procuram fazer uma distinção entre o que a Bíblia Hebraica realmente diz (em contraste a tradições Rabínicas posteriores), o que o Novo Testamento de fato afirma (em contraste a tradições cristãs posteriores) e como a tradição judaica, por vezes, ressalta a judaicidade das crenças cristãs.

Objecções Messiânicas e Proféticas

O Judaísmo tradicional rejeita, veementemente, aquelas clássicas passagens Messiânicas, padronizadas, consideradas como “provas proféticas” acerca de Jesus. Alega-se que elas não têm nada a ver com ele e que, na verdade, trata-se de textos mal traduzidos (manipulados) ou que foram citados fora de contexto pelos autores do Novo Testamento ou por apologistas cristãos. Argumenta-se que nenhuma das *verdadeiras* profecias Messiânicas — aquelas que de fato podem ser provadas — foram cumpridas por Jesus. Resumindo, as pessoas que fazem essas objeções estão querendo dizer: “Nós não cremos que Jesus é o Messias porque ele nunca atingiu o padrão bíblico estabelecido para a vida e para a missão do Messias”. Nós respondemos a essas objeções (1) voltando-nos exclusivamente às Escrituras Hebraicas e redescobrimo que a missão do Messias era tanto sacerdotal (envolvendo expiação pelo pecado) como real (envolvendo a restauração do reinado davídico); (2) salientando que a Escritura aponta para uma Era Messiânica dividida em duas etapas, tendo sua primeira manifestação — obrigatoriamente — antes da destruição do Segundo Templo, em 70 E.C.; e (3) examinando as supostas “traduções errôneas” das profecias bíblicas e apresentando diferentes maneiras de compreendermos as palavras dos

autores do Novo Testamento. Quando relevante, também nos valemos da literatura Rabínica para oferecer embasamento adicional a nossas afirmações.

Objeções Contra o Novo Testamento

As objeções contra o Novo Testamento podem ser agrupadas em diferentes categorias: (1) o Novo Testamento cita versículos do Antigo Testamento totalmente fora de contexto e interpreta-os de maneira equivocada — algumas vezes, até cria versículos que nem existem, a fim de usá-los para “provar” suas teorias; (2) as genealogias de Jesus, fornecidas por Mateus e por Lucas, são irremediavelmente contraditórias (na melhor das hipóteses) e completamente irrelevantes; (3) o Novo Testamento está repleto de erros históricos a fatuais (principalmente o discurso de Estevão); (4) os ensinamentos de Jesus são impossíveis, perigosos e não-judaicos; e (5) o Novo Testamento é autocontraditório. Para resumir, sem rodeios: “Somente um tolo acreditaria na inspiração divina do Novo Testamento”. Para combater essas objeções, nós apresentamos problemas similares (com suas soluções, obviamente) das Escrituras Hebraicas, destacamos a judaicidade contida no fluxo de pensamento e nas ideias do Novo Testamento e, por fim, fornecemos respostas às aparentes contradições e/ou distorções. Pelo fato de objeções como essas já serem abordadas em livros de dificuldades bíblicas, nosso foco aqui será responder àquelas levantadas com bastante frequência por antimissionários, desde que sejam relevantes para o nosso tema.

Objeções Tradicionais e Rabínicas

Algumas destas objeções são extremamente sentimentais e revelam o que de fato está por detrás das reações hostis mais profundas contra as boas novas (evangelho). Elas também explicam por que tantos judeus — principalmente os ortodoxos — não fazem questão de pensar sobre esses assuntos. Os dois pontos-chave aqui são: (1) “O Judaísmo é uma religião maravilhosa, realizadora e autossuficiente. Não há necessidade de olharmos para nenhum outro lugar”. (2) “Deus nos deu uma tradição escrita e uma tradição oral. Nós interpretamos *tudo* com base em nossa tradição oral, sem a qual a Bíblia não faz sentido”. Para responder a essas objeções, nós refutamos o conceito de que exista uma tradição oral, obrigatória, originária da época de Moisés — demonstrando que a Palavra *escrita* fornece os alicerces de nossa fé —, e explicamos por que todos os povos (incluindo os judeus) precisam do Messias.

Cada um desses seis segmentos segue um mesmo formato: (1) uma transcrição concisa da objeção; (2) uma breve resposta; e (3) um tratamento detalhado, incluindo citações de importantes fontes, quando necessário, além de considerarmos possíveis objeções contra as nossas respostas. Embora as objeções sejam divididas em diferentes capítulos temáticos, elas tendem a fluir a partir de algumas áreas problemáticas. Portanto, tenha em mente os pensamentos abaixo enquanto estiver lendo.

Resumo das Principais Considerações

Os principais problemas consistem em:

1. A maioria dos judeus não está familiarizada com o Jesus do Novo Testamento e com a verdadeira fé judaico-Messiânica (ou cristã). Isso significa que muitas das objeções que eles levantam baseiam-se em mal-entendidos. A melhor maneira de refutar essas objeções é simplesmente apresentar a versão correta dos fatos. Nós também não podemos nos esquecer de que a maioria dos judeus não faz ideia de que Jesus Cristo é Yeshua, o Messias (em outras palavras, “Cristo” não era o sobrenome de Jesus!). E assim como grande parte dos cristãos não sabe ao certo no que os muçulmanos realmente creem, muitos judeus, semelhantemente, não fazem ideia do que os verdadeiros seguidores de Jesus creem.

Lamentavelmente, quanto mais religioso um judeu se torna e quanto mais tempo ele passa estudando em uma yeshivá (escola de estudos judaicos tradicionais), mais tendenciosos e mais distorcidos se tornarão os pontos de vista dele em relação a quem é Jesus, o que ele ensinou e como ele e seus discípulos viveram. Isso nos dá ainda mais motivos para apresentar a versão correta dos fatos — fatos, nada além de fatos.

2. Aquilo que hoje chamamos de “Judaísmo tradicional” só começou a se desenvolver dois mil anos atrás. Sendo assim, o Judaísmo Messiânico é basicamente tão antigo quanto o Judaísmo Rabínico. E sob alguns aspectos, ainda mais antigo.⁴ Tanto a fé Messiânica como a Rabínica eram expressões de fé estritamente judaicas, mas que tomaram rumos diferentes. Portanto, elas têm bastante coisa em comum. Todavia, uma vez que a fé Rabínica foi aquela que ficou conhecida como “Judaísmo convencional” — e já que essa fé começou a se opor à fé em Jesus —, a ideia de que crer em Jesus e no Judaísmo são duas coisas incompatíveis tornou-se um dogma.

Mas a pergunta ainda prevalece: Quem determinou que o Judaísmo Rabínico era o verdadeiro Judaísmo? Quem decidiu que os ensinamentos dos rabinos eram judaicos e os dos discípulos de Jesus, não? É como se as maçãs dissessem às laranjas:

“Somente as maçãs são frutas. Logo, as laranjas não o são”. Quem disse? A questão que realmente importa é: O que as Escrituras Hebraicas ensinam? Qual dessas duas expressões de fé judaica realmente segue a Bíblia? Essa é a expressão que deve se tornar a regra da fé e da prática judaica.

A despeito do que alguns possam dizer, nenhum judeu guarda a Torá nos dias de hoje como ela foi originalmente dada na época de Moisés. Isso é simplesmente impossível. Mudanças tinham de ser feitas no tocante ao nosso relacionamento com a lei, haja vista que não temos mais Templo, sistema sacerdotal ativo e sacrifícios há mais de novecentos anos, sem contar que a maioria dos judeus não reside na terra de Israel. Isso significa que algumas coisas *só podem* ter sido mudadas. De acordo com os rabinos, agora nós temos o Talmud e os escritos Rabínicos como nossos guias. De acordo com os judeus Messiânicos, nós temos os escritos da Nova Aliança (Novo Testamento). O que, então, deve ser seguido? A resposta é simples: os escritos que são fiéis às Escrituras Hebraicas e que reconhecem o verdadeiro Messias.

Ao lidar com muitas das objeções levantadas neste livro, você notará que o Judaísmo tradicional alega ser a única manifestação do Judaísmo verdadeiro. Portanto, é preciso ter em mente que nem tudo o que afirmam ser judaico é, de fato, bíblico. É verdade que o Judaísmo Ortodoxo rejeita Jesus e seus ensinamentos, porém, será que fazê-lo é realmente certo aos olhos de Deus? No âmbito tradicional, até pode ser considerado judaico negar que Jesus é o Messias dos judeus. Contudo, isso só acontece porque essa forma distinta de judaicidade desviou-se, em alguns pontos-chave, das Escrituras Hebraicas. É melhor ser bíblico do que judaico — quando e se surgir tal escolha.

Também existe o outro lado da moeda. Nas últimas décadas, tem crescido muito o número de eruditos judeus que reconhecem que Jesus e seus seguidores viveram como judeus fiéis. Na verdade, muitos eruditos — tanto judeus como cristãos — argumentam que se alguém quiser compreender o Novo Testamento em sua totalidade, será preciso lê-lo sob a perspectiva do contexto judaico do primeiro século. Muitas tradições judaicas estão em harmonia com os ensinamentos do Novo Testamento, independentemente de quem tenha vindo primeiro. Da mesma forma, as tradições judaicas que dizem respeito a assuntos de extrema importância (*e.g.* a natureza de Deus, as maneiras que ele escolhe para se revelar à humanidade, o poder expiatório da morte de um justo etc.) trazem luz a ensinamentos cristãos fundamentais. Em outras palavras, a fé cristã é muito mais judaica do que algumas pessoas podem pensar!

Portanto, quando formos responder algumas objeções, seremos obrigados a dizer (com a devida consideração, é claro): “Eu respeito suas tradições e interpretações, e sei que você as considera autênticas e judaicas. Entretanto, elas não estão em harmonia com as Escrituras Hebraicas”. Em outras ocasiões, porém,

nossa resposta será diferente: “Olhe para as suas próprias tradições. Elas são as mesmas que as minhas! Elas dizem a mesma coisa que estou tentando lhe dizer. Talvez o que tenha acontecido é que você nunca as tenha considerado sob a óptica de Yeshua e do Novo Testamento”.

3. Ao passo que a fé Messiânica crescia e desenvolvia-se, ela começou a cumprir um de seus propósitos bíblicos primordiais: tornar o Deus de Israel conhecido a todos os povos da Terra. Como resultado, houve um grande influxo de gentios à comunidade de crentes, e, uma vez que o Messias derramara sua vida tanto em favor dos judeus como em favor dos gentios, estes não eram obrigados a se tornar judeus para serem aceitos pela comunidade Messiânica. E como era de se esperar, esses gentios passaram a constituir a vasta maioria dos crentes Messiânicos. Logo, no que dizia respeito a aparências externas, a fé começou a parecer uma nova religião gentílica, e, conseqüentemente, uma fé que jamais interessaria aos judeus. Esse foi um dos fatores que mais contribuiu para que os rabinos concluíssem que a fé em Jesus era uma coisa puramente gentílica, e não judaica. Em outras palavras, “Jesus não é para nós!”.

Juntamente com essa cadeia histórica de eventos, muitos crentes gentios começaram a romper seus laços com o povo judeu, eliminando, assim, as raízes judaicas de sua fé. E foi assim que o “Cristianismo” acabou perdendo, por completo, a conexão com sua herança judaica. Da mesma forma, o Jesus do “Cristianismo” já não tinha mais nenhuma semelhança com Yeshua, o Messias da Bíblia. Fato é que novos ensinamentos foram agregados e novas práticas desenvolvidas — algumas das quais com origens claramente pagãs. Isso tornou ainda mais difícil para que os judeus reconhecessem que Jesus é o Messias de Israel. O abismo entre Jesus e o povo judeu, outra vez, fora expandido.

Sendo assim, muitas objeções contra Jesus são, na verdade, objeções contra a Cristandade — a qual podemos definir como a fé diluída e, muitas vezes, contaminada, que começou a se desenvolver centenas de anos após o Novo Testamento ter sido concluído. O verdadeiro “Cristianismo” é completamente bíblico e, de certa forma, judaico — no mais puro sentido da palavra. Há espaço suficiente para os judeus viverem como judeus redimidos e para os gentios, como gentios redimidos. Todavia, a maioria dos judeus, nos dias de hoje, não sabem o que é o verdadeiro “Cristianismo” (ou o verdadeiro Judaísmo Messiânico). Para responder suas objeções, será imperativo eliminarmos tais mitos — de uma vez por todas — e explicarmos no que realmente cremos. A verdade é que nós também não cremos no “Cristianismo”.

Quando ponderarmos sobre doutrinas fundamentais que são inaceitáveis para os judeus — tais como a divindade do Messias ou a redenção através de seu sangue —, precisamos fazer uma distinção entre o que realmente cremos e o que nossos amigos

judeus pensam sobre a nossa fé. Faremos isso sempre retornando às Escrituras e perguntando: “O que diz a Palavra de Deus?”. Você se surpreenderá ao ver quantas vezes algumas das doutrinas fundamentais de nossa fé — crenças que parecem ser tão básicas para nós — são gritantemente mal compreendidas por aqueles se opõem a nós.

4. Trágica e lamentavelmente, quando a Igreja passou a ganhar cada vez mais poder e influência sobre sociedade (século IV E.C.), ela desencadeou uma terrível perseguição contra aqueles que não criam na sua versão de Jesus — o qual, a essa altura, já era um Jesus distorcido e praticamente não-judeu —, o que deu início a séculos de derramamento de sangue e de atrocidades contra o povo judeu, cometidas por aqueles que alegavam ser cristãos. A triste história do antissemitismo “cristão” — uma das maiores tragédias da humanidade — foi a gota d’água para muitos judeus. “Esse Jesus é a causa da maioria dos problemas que há no mundo hoje”; “O Cristianismo é uma religião de ódio, não de amor”; “O Cristianismo pode ser tudo, *menos* a verdadeira fé Messiânica”.

Ao longo dos séculos, muitos judeus preferiram ser torturados, exilados e até mesmo mortos a se tornarem cristãos. Para eles, essa era a maneira judaica mais nobre de morrer; o ato mais profundo de lealdade ao Deus de Israel. Como resultado, muitas objeções judaicas contra Jesus estão carregadas de sentimentalismo: “Nunca trairei meus antepassados! Não serei um apóstata!”. Até mesmo o Holocausto é reconhecido, por muitos judeus, como um evento “cristão” — ou, pelo menos, um evento que o “Cristianismo” histórico tornou possível. É de suma importância que (1) reconheçamos, em sua totalidade, os terríveis crimes cometidos em nome de Jesus por esses supostos cristãos; que (2) os renunciemos por completo; e que (3) esclareçamos o seguinte: nosso objetivo não é fazer com que o povo judeu se converta a uma religião nova e diferente, mas sim com que sejam fiéis ao Deus e ao Messias das Escrituras Hebraicas.

Também precisamos ressaltar algo que pouquíssimos judeus sabem: cristãos genuínos foram — e continuam sendo — os melhores e mais fiéis amigos que o povo judeu jamais poderia ter. E como eu gostaria de poder reunir rabinos e antimissionários do mundo todo para conhecer cristãos da Índia, Coreia, Finlândia, Quênia, Bolívia, Guatemala, Alemanha, Holanda — e a lista continua —, os quais nutrem um amor sobrenatural e sacrificial pelo povo judeu! Esse amor foi colocado em seus corações pelo Espírito Santo [Ruach haKôdesh] tão logo creram em Jesus e receberam uma nova vida por meio dele. Como uma jovem cristã da Malásia me disse em 1992: “Nós não sabemos muita coisa sobre os judeus [Lembre-se que a Malásia é um país predominantemente muçulmano]. Só sabemos que os amamos!”. Pouco a pouco, a verdadeira Igreja está mostrando suas verdadeiras cores, as quais produzirão, um dia, um arco-íris de luz, amor e esperança para o povo judeu.⁵

Este Livro é para Você!

Escrevi este livro para diversos leitores em potencial. Tenho certeza de que você se encaixa em algum lugar.

Em primeiro lugar, este livro funciona como um material didático para todos os interessados em alcançar o povo judeu com as boas novas de Yeshua, o Messias. É verdade que nossa privilegiada missão consiste em contar ao mundo todo sobre Jesus — e centenas de milhões de pessoas ainda nem sequer ouviram falar em seu nome —, porém, não podemos nos esquecer do povo judeu. De fato, as Escrituras nos encorajam a fazer da evangelização de judeus uma prioridade. Não porque receberemos um prêmio especial por nossos esforços — como se judeus nascidos de novo fossem um troféu — nem porque ganhar um judeu para a fé Messiânica prova que estamos “certos”,⁶ nem porque Deus ama os judeus mais do que qualquer outro povo. Mas sim porque os judeus são aqueles com quem as antigas alianças foram feitas; são o povo de onde vieram os profetas e a nação da qual o Messias teve sua origem terrena. Se existe um grupo específico de pessoas que precisa ouvir a verdade sobre Jesus, esse grupo é o seu próprio povo judeu. Portanto, enquanto continuamos a alcançar as nações, com todo esforço e sacrifício, precisamos, da mesma forma, continuar alcançando, com amor, as ovelhas perdidas da casa de Israel.

Os leitores deste livro sensibilizar-se-ão às diversas perspectivas judaicas e sentir-se-ão encorajados a compartilhar sua fé com sabedoria. Durante o processo de leitura e aprendizado, creio que você perceberá que alguns aspectos de sua própria fé também precisarão de alguns retoques. E isso é uma coisa boa. A verdade é que ainda ninguém chegou ao pleno conhecimento de Deus e de sua Palavra.

Em segundo lugar, este livro foi escrito para aqueles judeus Messiânicos que têm ficado confusos e desorientados pelos antimissionários. As respostas aqui combaterão a aparente verdade dos antimissionários com a autêntica verdade das Escrituras.

Alguns de vocês já foram crentes fervorosos e comprometidos, falando de Jesus para outras pessoas sem hesitação ou qualquer tipo dúvida. Mas agora você já não tem certeza de quem está certo. Você deseja permanecer um judeu fiel, porém, começa a questionar se a crença em Jesus não seria idolatria. Será que você se juntou a uma nova religião gentílica? As provas proféticas que você tem são tão confiáveis como uma corda feita de areia? Os escritos do Novo Testamento — outrora tão preciosos para você — parecem, agora, estar cheio de lacunas? Será que você traiu sua família, seus antepassados ou, pior ainda, o próprio Deus quando passou a crer em Jesus? Será que os rabinos realmente estão certos quando lhe dizem que possuem

uma tradição oral de interpretação cujas origens remontam à época de Moisés? Você sente dificuldade até mesmo para orar? Afinal de contas, se você deixar de orar em nome de Jesus, talvez Deus não o ouça. Ou quem sabe, se você *orar* em nome de Jesus, talvez Deus pare de ouvir! O que fazer?

Bem, não há razão para ficar nervoso ou com medo. Deus está por perto, e não se preocupa tanto com fórmulas religiosas. É o seu coração que ele deseja sondar. Se você for sincero, ele saberá; e isso é o mais importante. Tenha uma conversa franca com ele. Diga-lhe que deseja segui-lo, servi-lo e obedecê-lo com todo o seu ser, a despeito das consequências. Depois, leia cuidadosamente este livro — sempre com a Bíblia ao lado, é claro — e prepare-se para ter sua fé restaurada. Se você souber hebraico, melhor ainda. Você enxergará, com muito mais clareza, que existem respostas — sólidas e consistentes — para cada objeção levantada.

As verdades expostas nas páginas seguintes têm ajudado muitos crentes relutantes a recuperar sua fé. Elas também têm sido usadas por Deus como uma ferramenta para guiar judeus sinceros e de coração aberto ao conhecimento da verdade sobre Yeshua, nosso maravilhoso Salvador, bem como para conduzir alguns judeus ortodoxos a receberem aquele a quem haviam rejeitado por toda a vida. Prepare-se para ser encorajado!

Finalmente, dirijo-me ao último — mas não menos importante — grupo para o qual este livro foi escrito, a saber, todos os judeus (quer Reformistas, Chassídicos, Humanistas, Conservadores, Ortodoxos ou Reconstrucionistas) que ainda não creem que Jesus é o Messias prometido a Israel.

Quero que saiba que estou muito feliz por você estar lendo este livro, independentemente de suas motivações. Mesmo se você quiser se valer dele para fortalecer suas crenças e convicções *contra* Yeshua, ainda assim me alegro por você ter este livro em mãos. Minha oração mais profunda em favor de cada leitor, seja você judeu ou gentio, ministro católico ou rabino ortodoxo, cristão nominal ou israelense ateu, é que todos possam enxergar a verdade com toda a clareza. Como um dos judeus mais influentes do mundo escreveu há quase dois mil anos: “Pois nada podemos contra a verdade, mas somente em favor da verdade” (2-Co. 13:8). Quem lutaria intencionalmente contra a verdade?

Talvez você esteja seguro quanto ao seu posicionamento; ou talvez tenha dúvidas e perguntas secretas em seu coração. Talvez você esteja buscando respostas; ou talvez esteja procurando munição. Eu lhe pergunto: As respostas fornecidas nas páginas seguintes trazem consigo a verdade? Estão de acordo com as Escrituras Hebraicas? São justas, honestas e diligentes? Tenho certeza de que, enquanto estiver lendo este livro, você verá que eu compreendo plenamente as objeções levantadas. Talvez eu até

as tenha articulado para você! Mas e quanto às *respostas* para as objeções? E quanto ao caso *em prol* messianidade de Yeshua?

Por muitos anos disseram-me que não há nenhum fundamento para a alegação de que Jesus cumpriu as profecias Messiânicas das Escrituras Hebraicas. Rabinos sinceros explicaram-me que após a vida e a morte de Jesus, os autores do Novo Testamento encontraram supostas profecias Messiânicas na Bíblia Hebraica e passaram a dizer que elas se cumpriram perfeitamente em Jesus. Da mesma forma, quando se mostrou necessário, eles manipularam os fatos sobre a vida e a morte de Jesus para fazer parecer com que todas as profecias apontassem para ele.

“Veja bem,” — explicavam os rabinos — “não há nenhuma substância para os seus argumentos. É como se um homem atirasse uma flecha em uma árvore e, depois, pintasse o centro do alvo ao redor da flecha. Alguém fez com que parecesse que Jesus acertou o alvo dos cumprimentos proféticos”. Errado! Yeshua acertou o centro do alvo com perfeição, porém, algumas pessoas moveram o alvo de lugar. Posso mostrar-lhe que essa é a verdade. Você será corajoso o suficiente para descobrir por si mesmo?

Por muitos anos, disseram-me: “Seus argumentos não tem peso. Você apresenta muitas evidências, porém, são todas falsas. Logo, zero mais zero mais zero é igual a zero”. Bem, e se eu conseguir provar que, na verdade, são as *objeções* contra as credenciais Messiânicas de Jesus que não tem substância? E se você começar a enxergar que todas as objeções listadas aqui geram um produto cujo resultado é zero? Que desculpa você dará para não crer em Yeshua?

Só porque alguém foi criado em uma determinada religião não significa que essa religião esteja certa. Centenas de milhões de pessoas nascem em lares hindus, o que significa que são criadas em uma religião que cultua milhares — até mesmo milhões — de deuses. Suponhamos que você abordasse um hindu devoto, dissesse-lhe: “Esses ídolos não são deuses. Macacos e vacas não são deuses. Cobras são apenas cobras!” e ele respondesse: “Por incontáveis gerações, século após século, meus antepassados nunca deixaram de crer nesses deuses. Quem é você para dizer que eles estavam errados? E quem sou *eu* para questionar a sabedoria *deles*? Essas tradições são sagradas, e nossas crenças, santas e profundas”; como você reagiria a esse tipo de argumentação? Você diria: “Pobre alma! Que Deus lhe abra os olhos para a verdade!”.

Agora, vejamos o outro lado da moeda. Estou lhe dizendo que Yeshua é o Messias profetizado na Bíblia Hebraica e que existem respostas definitivas às inúmeras objeções judaicas levantadas contra ele. Como você sabe que estou errado? Pare por alguns minutos e reflita com honestidade. Talvez você não tenha sido criado por uma família que adora falsos ídolos, mas eu lhe pergunto: Como você pode estar tão

seguro de que suas tradições estão certas? Como você pode estar tão seguro de que seus sentimentos contra Jesus não estão errados? Será que o motivo pelo qual você alega que minha posição é ilógica, estúpida ou indigna de sérias considerações não se deve justamente ao fato de que você nunca tenha feito sérias considerações a respeito? Talvez, tudo o que você conheça a respeito de Jesus não passe de uma caricatura distorcida do verdadeiro Yeshua.

Considere um pouco sobre o que muitas pessoas pensam acerca dos judeus. Você sabia que milhões de japoneses, nos dias de hoje, acreditam que os problemas econômicos do Japão são culpa dos judeus? “Mas” — você pode pensar — “a grande maioria dos japoneses nunca sequer conheceu um judeu”.⁷ Exatamente! Esse é o problema. Da mesma forma, durante a Idade Média, algumas pessoas achavam que os judeus tinham chifres. Como é possível que pudessem crer em algo tão absurdo? Simples. Pessoas confiáveis lhes contaram que era assim mesmo, a despeito de não conhecerem nenhum judeu pessoalmente (ou, pelo menos, algum judeu que não tivesse a cabeça coberta — é claro, para esconder os chifres!). A única imagem de judeu que muitas pessoas ao redor do mundo conhecem, nos dias de hoje, não passa de uma caricatura totalmente distorcida, cujo aspecto monstruoso baseia-se em boatos, insinuações, mal-entendidos e mentiras.

A mesma coisa vale para Jesus. O único Jesus que a maioria dos judeus conhece não passa de uma figura monstruosa: um falso profeta, mentiroso, charlatão, traidor; o fundador de uma falsa religião, terrível e enganadora, cujos seguidores são os responsáveis pelo antissemitismo global e pelo Holocausto. Esse não é o verdadeiro Jesus! Não é o Yeshua histórico, o Yeshua do Novo Testamento, o verdadeiro Yeshua. Trata-se de uma representação lamentável, distorcida e deformada, que não exhibe nenhum traço de semelhança em relação à verdadeira pessoa. Será que você não possui os mesmos pontos de vista, tendenciosos e infundados, acerca de Yeshua, o judeu, que também outras pessoas têm sobre você, apenas por você ser judeu? A única maneira de superar esse tipo de ignorância e viés é expondo a verdade — mesmo se a verdade doer.

E se você perceber que todos os problemas que você tinha em relação a Jesus são resolvidos nas páginas seguintes? E se suas objeções mais fortes forem respondidas — mesmo se você não quiser que sejam respondidas? O que você fará com a verdade? Sem dúvida, você pode se deparar com decisões difíceis a serem tomadas. Você pode acabar sofrendo grave oposição e desentendimento se você reconhecer Yeshua como Messias. Se você for ortodoxo, pode vir a sofrer extrema rejeição e até mesmo perseguição. Mas tudo valerá a pena. Você terá a bênção do Messias e o favor de Deus. Através dele, você será uma pessoa totalmente nova. Você terá a

mensagem de uma nova esperança — a própria mensagem da verdadeira redenção — para seus irmãos judeus. O jugo de seu pecado e de sua culpa será tirado, e você experimentará uma transformação de vida genuína. Você começará a desenvolver um relacionamento verdadeiro, profundo e íntimo como Deus, seu Pai — e desfrutará de seu favor para todo o sempre.

Portanto, continue lendo! Nunca se sabe o que você pode aprender (ou quem pode encontrar) ao longo do caminho. O Messias — o *verdadeiro* Messias — está muito mais próximo do que você imagina.